

**Impessoalidade incompleta no discurso biográfico: identidade e escrita do outro
no livro *Padre Cícero: Fé, Poder e Guerra no Sertão*, de Lira Neto**

**Incomplete impersonality in biographical discourse: identity and the Other's writing in
the book *Padre Cícero: Fé, Poder and Guerra no Sertão*, by Lira Neto**

Guilherme ARAÚJO¹

Rogério BORGES²

RESUMO

O presente artigo se propõe a debater como se dão as imbricações da narrativa biográfica quanto à escrita do Outro, partido de parâmetros analíticos da relação entre biógrafo e biografado. Para tanto, será debatido o conceito de identidade, na perspectiva discursiva e fenomenológica, além de aspectos ligados à personagem e à narrativa. Por meio de uma discussão que perpassa a crítica literária e seu conceito de intriga, vamos averiguar como tais articulações se estabelecem em nosso objeto de análise, a obra *Padre Cícero: Fé, Guerra e Poder no Sertão*, do jornalista e biógrafo Lira Neto.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; biografia; identidade; narrativa; Lira Neto

ABSTRACT

The present article discuss how the imbrications of the biographical narrative are related with the writing of the Other, from of analytical parameters of the relation between biographer and biographical For that, the concept of identity will be discussed, in the discursive and phenomenological perspectives, with the aspects related to the character and the narrative. Through a discussion of literary criticism and its concept of intrigue, we will examine how such joints are established in our object of analysis, the work *Padre Cicero: Faith, War and Power in Backwoods*, by the journalist and biographer Lira Neto.

KEYWORDS: communication; biography; identity; narrative; Lira Neto

1. Introdução

Tema que provoca debates em variadas áreas do conhecimento, a identidade promove uma série de questionamentos, ocorrendo também quando traduzida em uma narrativa. Livros de caráter biográfico, gênero literário popular que se propõe relatar a vida de um indivíduo, são exemplos dessa dinâmica. No que diz respeito ao diálogo propiciado na escrita de trabalhos dessa área, tem-se conhecimento de que o autor, munido de sua liberdade narrativa, pode repassar impressões e sensações pessoais ao material que redige. Dessa maneira, elabora-se um discurso que se constrói por meio de uma formação, dentro do conceito estabelecido por Michel Foucault (2007), ou pela inacababilidade do relato (ou não-finalizabilidade), como apontou Mikhail

Bakhtin (2002). Nesse contexto, falar em objetividade, em impessoalidade, é algo problemático, ainda que esses preceitos circulem – ao menos em tese – no campo do jornalismo, área que faz parte da composição do gênero biográfico. Sérgio Villas Boas (2007) enfatiza a ausência de inércia nessa relação. Para ele “não há nada de passivo na relação entre a obra de arte e o crítico de arte, tampouco entre o biógrafo e o biografado” (p. 27).

No presente artigo, ao analisarmos a obra Padre Cícero: Fé, Poder e Guerra no Sertão (2011), do biógrafo e jornalista Lira Neto, vamos ingressar em debates que levarão em conta essas complexas articulações, focando, sobretudo, no conceito discursivo e fenomenológico de identidade – para que possamos estabelecer parâmetros de diferenciação entre o Eu e o Outro na condução da narrativa – e também de como uma pessoa pode ser transformada em personagem narrativa para que, assim, se consiga fazer um relato de sua vida. Ao mesmo tempo, traremos para a discussão o conceito da intriga tal como é visto pela teoria literária, no sentido de compreender as dinâmicas existentes na elaboração de uma narrativa pródiga de fatos até mesmo misteriosos sobre uma personalidade religiosa controversa.

2. O relato do Outro

Escrever uma biografia, portanto, insere-se na complexa prática de promover uma “escrita do outro” e se questionando até que ponto isto reflete ou não impressões do autor. Paul Ricoeur (2014) define o que seria mais do que uma mera identidade no momento em que transformo em discurso narrativo o Outro, sem deixar de ter em perspectiva o Eu que escreve.

Trata-se de uma outra dimensão da subjetividade, onde o autor se apoia em impressões hermenêuticas, eximindo-se de identificação com a ontologia do sujeito, ou seja, aspecto diretamente ligado às propriedades mais gerais do ser. Para tentar compreender melhor essa relação, Ricoeur dedica-se a encontrar respostas para esta “hermenêutica do si”, o que deságua na “compreensão do sujeito”, abordando a questão da identidade narrativa e da identidade pessoal.

¹ Acadêmico do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Bolsista de Iniciação Científica, com bolsa PIBIC do CNPq, no projeto de pesquisa A Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos, da PUC Goiás. E-mail: guilhermearaujom1@gmail.com

² Orientador do trabalho. Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da PUC Goiás e coordenador da pesquisa Memória e a História na Escrita do Si e do Outro nos Gêneros Biográficos e Autobiográficos, do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Produção de Sentidos, da PUC Goiás. E-mail: rogeriopereiraborges@gmail.com

O passo decisivo rumo a uma concepção narrativa da identidade pessoal é dado quando se passa da ação à personagem. É personagem aquela que executa a ação na narrativa. [...] A questão então é saber com o que a categoria narrativa da personagem contribui para a discussão a identidade pessoal.” (RICOEUR, 2014, p. 149).

Essa personagem transformada em elemento do enredo da história que se conta é um marco da forma como a identidade narrativa e a identidade pessoal relacionam e aos seus limites quando posicionadas lado a lado. Um encontro que gera dois conceitos fundamentais, que Ricoeur define como mesmidade e ipseidade. De acordo com sua linha de pensamento, fica definido que a identidade como mesmidade nada mais seria do que o idem, ou seja, tem uma proximidade mais patente com o “existir”, com a correspondência com tangível, com o fenômeno de estar no mundo. A identidade é a “mesma” daquilo a que se refere, associando-se a ele quase imediatamente, criando um vínculo direto e mais facilmente compreensível. A ipseidade, por sua vez, dentro de sua relação com a identidade, apareceria por um viés individualista, em que os fatos se apresentam de maneira mais profunda e intensa com um indivíduo e sua vasta composição em uma relação diferente da mesmidade, ou seja, não havendo uma associação direta com a realidade nomeada e sim um trabalho de interpretação (hermenêutico, portanto) do fenômeno dessa existência.

'Mesmo' então quer dizer único e recorrente. [...] é imenso problema compreender a maneira como nosso próprio corpo é ao mesmo tempo um corpo qualquer, objetivamente situado entre os corpos, e um aspecto do si, sua maneira de ser no mundo. Mas – seria possível dizer de modo abrupto – numa problemática da referência identificadora, a mesmidade do próprio corpo oculta sua ipseidade. (RICOEUR, 2014, p. 9).

Uma mesmidade que oculta, mas também complementa essa ipseidade. Quando falamos de uma biografia, as duas dimensões entram em cena, conflitando-se às vezes, mas jamais abolindo-se. A mesmidade do indivíduo narrado, seu lugar no mundo e nos eventos dos quais é partícipe, forma uma identidade completa quando sua ipseidade é trazida, na medida das possibilidades que cada caso oferece, à tona, no sentido de entender e interpretar esse sujeito. Um sujeito que é “personagem” que faz mover a narração, mas também indivíduo que possui características intrínsecas únicas. A biografia está diante da tarefa não de conciliar, no relato de uma vida, o personagem narrativo que precisa ser instituído para que o próprio trabalho possa ser realizado e o indivíduo que tem uma identidade inapreensível em sua totalidade. Sua tarefa é reconhecer esses universos paralelos, o ser o mundo, significar suas articulações, transformar em discurso os encontros e desencontros, as correspondências e os distanciamentos entre a mesmidade e a ipseidade desse sujeito, desse

indivíduo, englobando nesse esforço não uma identidade única e palpável, mas uma identidade múltipla e visível apenas até certo ponto.

Para que a compreensão desses conceitos seja feita, é importante que outros aspectos que exercem diálogos frequentes uns com outros sejam analisados. Presente tanto no jornalismo como na literatura, o ato de narrar detém uma série de significações. Genette (2008, p. 23-24) define a narrativa, a partir de três noções diversas. A primeira delas apresenta um enunciado narrativo em que a discursividade oral ou escrita é capaz de descrever um fato. Em um segundo momento, volta-se para uma sequência de acontecimentos, reais ou não, que encadeiam este discurso, respeitando-se relações de oposição e repetição, por exemplo. Em um terceiro viés, advindo de uma noção mais antiga, designa um acontecimento, embora não de forma pura, destacando o ato de narrar o feito em questão.

Em um paralelo a isso pode-se sublinhar a idéia de imitação, que na narrativa está relacionada ao fato de selecionar os elementos lingüísticos componentes do fato reportado. Como afirma Aristóteles (1997, p. 103), “tal como há os que imitam muitas coisas, exprimindo-se com cores e figuras [...], assim acontece nas sobreditas artes: na verdade, todas elas imitam com o ritmo, a linguagem e a harmonia, usando estes elementos separada ou conjuntamente”. Desta maneira, torna-se louvável ressaltar que o autor se atém ao drama, que considera a mais perfeita forma de relatar um fato, como se nota na afirmação seguinte:

É, pois, a tragédia imitação de uma acção de carácter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes do drama, imitação que se efectua não por narrativa, mas mediante actores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por feito a purificação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 1997, p. 110).

Dessa forma, sabe-se que para Aristóteles seria por meio da dramatização, da possibilidade de se confrontar ideias e de se usar de artifícios, que uma trama poderia ser contada com mais propriedade, formando um diálogo que se configura como a mediação de um discurso. A escrita biográfica faz exatamente isso ao roteirizar a vida de um indivíduo. Ao levar em conta as circunstâncias em que isso se apresenta quando apurado histórica, filosófica ou jornalisticamente – o que Lira Neto trabalha de forma notável em suas obras –, é possível confirmar a ideia de Ricoeur (2014) que seria através de uma escala constitutiva de uma vida completa que o si seguiria em busca de identidade. Uma identidade que só pode ser constituída por meio de um arcabouço em que diversos elementos se posicionam e se revelam em alguma medida. O ser narrado surge vagarosamente, a partir de uma narrativa que o compõe com traços específicos, com interações no

mundo tangível, com contextos históricos e rastros – no conceito historiográfico que lhe dá Guinsburg – deixados pelo caminho.

Quando unimos as acepções fenomenológica da existência de um ser, no mundo e na narrativa que se pode fazer a respeito desse indivíduo, e histórica ou jornalística, que ocorre por meio de investigações de dados objetivos, temos diante de nós um sujeito do qual conseguimos diferenciar predicados e sabemos posicionar em determinado contexto. Essa é a matéria-prima do relato biográfico, com o lembrete que ao elaborar-se um discurso com esses componentes, adentramos em uma outra fase ou dimensão de caracterização desse indivíduo. Ele passa a ser, também, o personagem de uma narrativa que dá sentido e direção ao relato de sua vida. Um relato que é empreendido por um outro agente, o biógrafo, que por sua vez também está no mundo, também é um sujeito ativo, também lida com sua própria mesmidade e ipseidade e as articula de determinadas maneiras, inclusive com o biografado. Nessa discussão, a ideia de uma objetividade absoluta no trabalho de se escrever sobre o Outro esbarra na impossibilidade de retirar do Si desse processo. O Outro tem um sentido para esse Si que escreve e que o transforma em um ser narrativo, na personagem de um relato.

O objeto deste texto, a biografia *Padre Cícero: Guerra, Fé e Poder no Sertão* (2009), escrita pelo biógrafo e jornalista Lira Neto, é um exemplo dessa relação que não é pacífica, mas que se configura como extremamente rica nos debates acerca do que já pontuamos. Autor cearense, Lira Neto tem em suas vivências uma relação mais próxima com o biografado do que um jornalista ou escritor de outra parte do País, uma vez que é patente a influência simbólica que o religioso de Juazeiro do Norte tem sobre o imaginário de boa parcela da população nordestina, sobretudo de seu Estado natal, o Ceará. Não que essa circunstância direcione o relato apresentado em uma direção específica ou outra, mas é indubitável que a identidade de Lira Neto passou, em sua formação, por esse crivo em algum grau e agora, diante do desafio de fazer do religioso uma personagem narrativa, ele terá que revisitar tais referências, ainda que seja para exercer sobre elas uma vigilância ética. Hermeneuticamente falando, cada qual tem consigo desafios singulares com os quais precisa lidar. Esta é a beleza e o pesadelo de aceitar a tarefa de relatar a vida do Outro.

3. Padre Cícero

Lira Neto, em *Padre Cícero*, apresenta por meio de uma escrita fluida, criativa e até mesmo bem-humorada traços que se consolidaram como características habituais em seu processo de roteirização do relato biográfico. Uma narrativa extensa, uma vez que contemplanosenta anos da vida do líder religioso nordestino que, ainda hoje, é considerado uma das figuras religiosas mais

emblemáticas e controversas do País. Dividida em dois momentos, a obra busca situar o leitor, apresentando a ele temas divisores na vida de Cícero: *A cruz*, em que traz à tona a primeira parte da trajetória do religioso, em que situa o leitor a sua relação com a religião; e *A espada*, em que já afastado do exercício do sacerdócio, inicia uma carreira na política. A partir dessa divisão narrativa, em que a identidade do biografado é de certa forma cingida em dois momentos diferentes de sua vida, percebe-se que são apresentados com detalhes acontecimentos importantes a fim de ajudar no processo de contextualização e, acima de tudo, servir como peças determinantes para o desenrolar de fatos relacionados ao personagem principal.

Aspecto interessante e passível de destaque em se tratando da organização da obra é que, ao traçar esta divisão, Lira Neto constrói referências embasadas em significativas obras e fatos históricos, como as emblemáticas Cruzadas, movimento militar cristão que durante mais de duzentos anos fez expedições em busca de retomar o controle do território tomado pelos muçulmanos, em especial na Terra Santa, sobretudo Jerusalém, o que também lhe dá o mote da “Cruz e da Espada”. Cícero, assim, é associado a esses religiosos que não se constrangiam em ver na guerra um instrumento de defesa da fé. Há ainda um diálogo com a organização de *Os Sertões*, prestigiada obra de relato jornalístico, de autoria de Euclides da Cunha, publicada em 1902 e que narra a Guerra de Canudos, na Bahia, em 1897 – acontecimentos que de uma maneira ou de outra estão entrelaçados com a trajetória de Padre Cícero, seja pela religiosidade, seja por seu envolvimento com o líder Antônio Conselheiro. Tais influências não só oferecem ganhos ao processo narrativo como automaticamente também enriquecem a trama e concedem à narrativa um sabor diferente.

Lira Neto traz em seu currículo outras produções biográficas, como *Maysa – Só numa multidão de amores* (2007) e *Castelo – A Marcha Para a Ditadura* (2004), sobre o Marechal Castelo Branco, primeiro presidente militar pós-golpe de 1964. Figuram ainda entre suas obras *Inimigo do Rei* (2006), sobre o escritor José de Alencar e a trilogia *Getúlio* (2012, 2013, 2014), que narra a vida do controverso ex-presidente. Entre seus títulos já publicados, um aspecto que cabe atenção: em um primeiro momento, poderia ser superficialmente explicado por sua relação de proximidade com seus biografados, já que de todas as suas seis obras biográficas publicadas, quatro tratam de personagens que lhe são conterrâneos. Isso poderia fazer transparecer elementos de sua própria concepção como ser humano na obra, consumando o que pode ser definido como um processo de impossibilidade de dissociação de personalidade, indo de encontro ao exercício pleno de objetividade.

Como já foi colocado acima, essa correspondência pode até existir, mas não se elabora de maneira tão simplista, em uma relação de causa e efeito tão pouco elaborada. Esse é um dos inúmeros

elementos presentes na condução de qualquer narrativa, em especial as de teor biográfico, em que identidades diferentes se encontram e até se chocam. A constatação de que Lira Neto e Padre Cícero são da mesma terra é relevante até certo ponto e não pode ser considerada uma questão primordial. Se a apreensão dessa figura religiosa passa por uma lembrança afetiva do autor ou por sua contestação, isso irá compor o relato como irão compor outras circunstância nem tão visíveis assim. Quanto aos graus de objetividade e subjetividade presentes no trabalho, trata-se de um debate em que aspectos pontuais não devem ser encarados como cruciais. Nessa discussão, incorrem parâmetros que devem ser averiguados caso a caso, sem uma fórmula cartesiana a dar sustentação absoluta a uma ideia ou uma prática que se quer imune a diferentes influências. No caso da biografia aqui em questão, seria redutor debruçar-se sobre esse tema tendo em perspectiva apenas circunstâncias, deixando-se em segundo plano o que a obra mesma apresenta. Nesse sentido, a busca de equilíbrio e isenção por parte do autor é incontestável. Não há glorificações ou demonizações do religioso e sim o anseio de mostrar esse homem tão cheio de ambiguidades que foi Cícero Romão.

Cícero ainda iria viver tempo suficiente para desfiar as contas de seu rosário sobre o túmulo de cada um de seus mais ferrenhos adversários. Muitos dos que o renegavam até ali ainda iriam se curvar ante o poder de seu nome. Se não fosse pela cruz, seria pela espada. Ao contrário do que se profetizava, assim como o tormentoso século XX, a história de Cícero Romão Batista estava apenas começando” (LIRA NETO, 2009, p. 271)

Ao levar em consideração um pressuposto de análise da posição de Lira Neto frente à escolha de seus biografados e a maneira como lida com a condução de seu discurso, desencadeiam-se questões acerca de seu distanciamento, buscando descobrir como o autor em questão escreve sobre o outro. Partindo de um princípio analítico da intriga (RICOEUR, 1997), que se apresenta como um elemento narrativo importante para conferir à trama maior curiosidade, envolvimento e suscitando empatia entre leitor e personagem, sabe-se que o ponto de partida reside no campo do discurso. No caso do discurso biográfico, essa história de vida recebe, quando narrada, elementos que se aproximam de um texto de ficção, ainda que não o seja. Técnicas e artifícios com essa conotação, porém, são empregados para dar vigor, movimento, dramaticidade ao que está sendo contado, ainda mais quando o protagonista tem uma trajetória repleta de fatos incomuns, reviravoltas e até situações de mistério.

Quando pensamos o sujeito em interação com seu tempo, a intriga é peça-chave na constituição do conceito de narrativa, não somente atrelada ao gênero ficcional. Fixando-se como meio capaz de promover uma mediação entre a organização textual e discursiva do texto literário, sua lógica está relacionada com os outros componentes de composição da narrativa, elementos

operadores de uma hermenêutica narratológica (RICOEUR, 1997; PROPP, 2006), em que personagem narrado é senhor da ação no interior do discurso (RICOEUR, 2014). Dessa forma, o conceito e narrativa está vinculado diretamente à noção de tempo a partir da experiência de recepção do sujeito empírico e estabelece uma dialética entre o texto e o leitor, salientando o campo da interpretação. Toda ficção requer um esforço imaginativo de ressignificação do discurso, explicita-se tanto através do tempo verbal e de seus marcadores como também por meio da intriga – aspectos que a obra de Lira Neto sobre Padre Cícero disponibiliza facilmente.

Em uma das principais passagens da obra, o primeiro suposto milagre com a Beata Maria de Araujo, discípula de Padre Cícero que no momento da comunhão sangrava pela boca inexplicavelmente, o autor faz uso de parte da correspondência do religioso para mostrar os vários lados da história. Durante seu julgamento pela Santa Inquisição, o trecho que narra o roubo torna nítida a presença de um discurso que posteriormente reverberaria:

Quando a noite caiu, a informação tirou o sossego do povoado. Diante da notícia de que seu conselheiro e líder espiritual estava suspenso da igreja, as beatas saíram à rua em desespero, entregando-se ao choro convulsivo, levando as mãos ao rosto e atirando súplicas em direção ao céu. (...) Cícero negava todas aquelas acusações, particularmente a última. (...) Mas para Dom Joaquim, mesmo que não fosse o autor material do crime, Cícero o incentivara, direta ou indiretamente, ao permitir que os paninhos manchados de sangue fossem cultuados como relíquias sagradas. Seria ele, em última análise, o principal responsável pelo fato. Estava suspenso. Ponto final. (LIRA NETO, 2009, p. 166-167).

O trecho acima, que ilustra inúmeros outros da obra sobre Padre Cícero, é acionado o conceito da intriga, sistematizado pelos formalistas russos, entre eles Vladimir Propp (1997). Seu trabalho baseia estudos sobre narratologia, atribuindo relações entre elementos textuais. Modelos que, evidentemente, não devem ser tomados de forma absoluta, mas que podem auxiliar a mapear elementos que ajudem a compreender engrenagens que levem a entender ações dramáticas, de caracterização de personagens e de efetivação das intrigas. Em uma biografia como a do religioso cearense, mesmo que observadas todas as técnicas de apuração dos dados e mantido um olhar o menos enviesado possível a respeito do personagem, estarão sempre presentes, na condução do texto, as ações físicas, apontadas como ilustrações passíveis de visualização, e as ações dramáticas, que possuem relação com o recíproco.

A ação dramática é definida por um conjunto de situações interligadas de modo a formar um sistema. Tem por núcleo uma intriga, através da qual se dá a aglutinação das situações. Nada impede que a ação contenha mais de uma intriga. O que uma ação exige é que a resposta à pergunta "O que vai acontecer?" seja determinada, obrigatoriamente, por uma das situações nela vividas. (PIRES, 1989, p. 47).

Em *Padre Cícero*, a intriga pode ser evidenciada em inúmeros momentos, como quando o sacerdote, após passar pela Santa Inquisição e enfrentar a ira de membros do alto escalão da Igreja Católica em virtude de constantes escândalos ocasionados por suspeitas de acobertar falsos milagres, é submetido a um processo de excomunhão. O fato indica desdobramentos e acrescenta estímulo à trama.

Em outras palavras, a excomunhão fora anulada. Mas, para o Santo Ofício, Cícero estava equiparado a qualquer outro cristão sem batina. Não era mais considerado um padre propriamente dito. Podia rezar, assistir à missa, pagar penitências. Mas todas as suas ordens sacerdotais estavam abolidas para sempre. (...) Passaria suspenso o resto da vida, embora nem assim abandonasse a batina. (LIRA NETO, 2009, p. 264).

Ao utilizar tais elementos, ainda que indiretamente, denota-se uma elaboração prévia, toma-se consciência da existência de um processo de apuração detalhado no sentido de se produzir uma documentação da vida da pessoa biografada, embora se saiba a constituição da biografia exija certo grau de elaboração estética e um olhar interpretativo, em que se faz presente a subjetividade. Isso se dá pela apresentação de uma narrativa de vida, respeitando parâmetros que são próximos àquilo que constitui a literatura, aspecto inerente à formação teórico-estrutural do gênero biográfico.

4. Considerações finais

O que se percebe com clareza na breve reflexão empreendida neste artigo é a intersecção de diversos campos de conhecimento e de conceitos, em suas variadas acepções, na elaboração de um relato biográfico. No caso aqui analisado, a identidade, vista como construção social e tida como um elemento intrínseco ao sujeito, é trabalhada na criação de uma personagem narrativa que, aliada à intriga dos fatos relatados e aos contextos em que essas ações ocorrem, resultam na reconstrução ou mesmo ressignificação de uma trajetória de vida, no resgate ou na mudança de sentidos por que passa determinada pessoa, proeminente ou não. A biografia sobre Padre Cícero escrita por Lira Neto é um exemplo dessa lógica de construção e mutação dada no interior do texto, em seus elementos constituintes e no desafio de apreender uma pessoa em seus mais diversos aspectos. Isso faz do gênero biográfico um dos mais ricos e estimulantes, aquele que promove o encontro de conhecimentos e conceitos de áreas diferentes, mas que se mostram complementares na narração de uma vida.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. GENETTE, Gérard. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo**. São Paulo: Unesp, 2007.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Tempo e narrativa III**. Campinas: Papyrus, 1997, 15